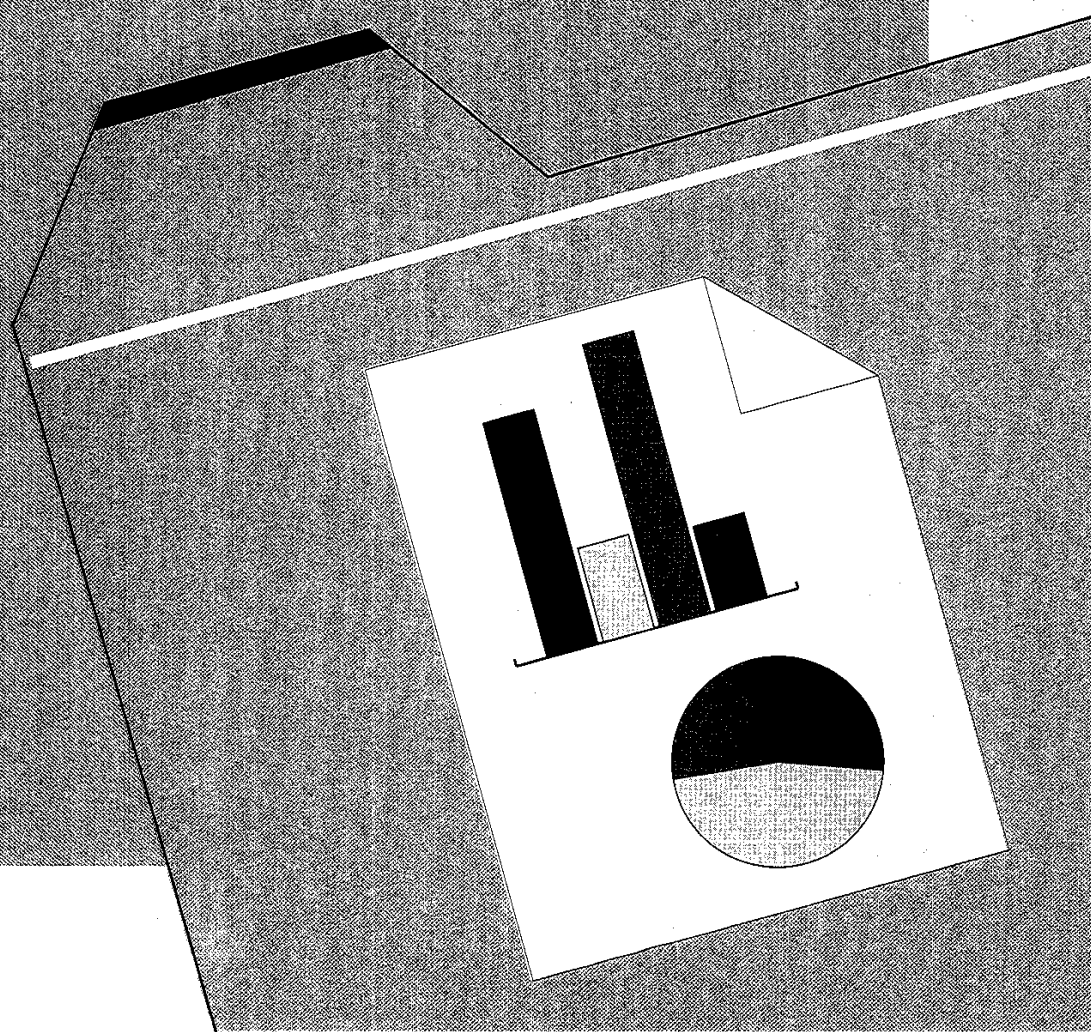


DOCUMENTOS TÉCNICO- CIENTÍFICOS



GLOBALIZAÇÃO

EXPORTAÇÕES DO NORDESTE BRASILEIRO PARA OS BLOCOS ECONÔMICOS*

Álvaro Barrantes Hidalgo

Professor do Programa de Pós-Graduação em Economia (PIMES) do Departamento de Economia da UFPE e pesquisador do CNPq

José Raimundo Oliveira Vergolino

Professor do Programa de Pós-Graduação em Economia (PIMES) do Departamento de Economia da UFPE

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é conhecer melhor o desempenho das exportações do Nordeste nos últimos anos em nível dos principais blocos econômicos, e com isso fornecer subsídios para a discussão da melhor estratégia de inserção da região na economia internacional. A análise é centralizada nos blocos mais importantes para a Região em termos de exportações. Os dados mostram que o NAFTA constitui na atualidade o principal mercado para as exportações da região com uma participação de 27,2%; o segundo mercado em importância é a União Européia com participação de 20,4%; o bloco Asiático ocupa a terceira posição com participação de 13,9% e o bloco do MERCOSUL ocupa o quarto lugar com 9,9%. Quanto à estrutura as exportações para o NAFTA parecem estar concentrada em produtos básicos. A pauta para a União Européia se apresenta um pouco mais diversificada, embora o grupo alimentos, fumo e bebidas represente 25% do exportado para este bloco. Para o bloco Asiático as exportações estão concentradas em metais comuns (alumínio) e química, esses grupos representaram 63% do exportado para o bloco em 1995. As exportações para o MERCOSUL estão concentradas em manufaturados, destacando-se química com 41%, plásticos e borracha 16,5% e têxtil com 11,1%. Para este bloco a participação dos produtos agrícolas é relativamente pequena e está caindo. O trabalho conclui destacando as vantagens do aumento da participação das exportações de manufaturados em relação à exportação de produtos agrícolas na formulação de estratégias de inserção internacional para a região.

PALAVRAS-CHAVE:

Exportação; Globalização da Economia; Blocos Econômicos; Brasil-Região Nordeste.

* Este trabalho originou-se de Relatório de Pesquisa apresentado à SUDENE como parte do convênio UFPE/SUDENE sobre o estudo dos blocos econômicos e o Nordeste.

1. INTRODUÇÃO

.....

O sistema de comércio internacional tem sofrido importantes mudanças durante os últimos anos. A nova ordem econômica parece estar evoluindo de um sistema bipolar para outro multipolar. Os processos de associação e cooperação entre países industrializados se generalizaram e se intensificou o processo de formação dos blocos regionais de comércio. Os blocos porém ainda não chegaram a uma conformação definitiva e alguns ainda estão em fase de formação. O processo de formação dos blocos procura eliminar as barreiras intra-regionais à livre mobilidade de bens, capitais e pessoas, criando um mercado ampliado que permita uma maior complementaridade das economias, o aumento do comércio intra-bloco e o incremento da capacidade competitiva.

A consolidação da tendência à formação dos blocos econômicos excludentes e protegidos poderá representar uma ameaça para o comércio internacional, em especial para as regiões menos desenvolvidas, caso não sejam implementados os acordos das negociações multilaterais da Rodada do Uruguai, e que pretendem a gradual ampliação da liberalização do comércio mundial. Enquanto avança o processo de formação dos blocos econômicos, cuja dinâmica e conclusão são imprevisíveis, as economias vivem um estado de incerteza. Nesse período de transição, as economias em desenvolvimento ficam com o duplo problema de resolver os graves problemas nacionais mais urgentes, e, ao mesmo tempo tratar de resolver os problemas da inserção das suas economias na nova ordem internacional. A inserção e integração das economias menos desenvolvidas numa economia internacional, cada vez mais globalizada, é de fundamental importância na estratégia de seu crescimento econômico.

Nas últimas décadas, apesar das exportações brasileiras terem mostrado um crescimento significativo, principalmente no que se refere à exportação dos produtos manufaturados, a mesma coisa não tem acontecido com as exportações do Nordeste brasileiro. Os dados mostram, por exemplo, que durante o período 1980/1994 o valor das exportações totais do Brasil aumentaram 116,4%, enquanto que no mesmo período o valor das exportações totais do Nordeste aumentaram apenas 51%. Por outro lado, no que se refere às importações, tem acontecido o fenômeno

no contrário, já que no mesmo período o valor das importações totais do Brasil aumentaram 44,5%, enquanto que as importações do Nordeste aumentaram 83,3% (vide BOLETIM CONJUNTURAL DO NORDESTE)⁽¹⁾.

Ao longo dos anos a economia nordestina tem-se caracterizado por seu relativo fechamento diante do resto do mundo. Uma explicação para esse comportamento diferenciado do Nordeste está no processo de industrialização que foi adotado para a Região, o qual está voltado para a Sudeste brasileiro através do fornecimento de insumos e produtos finais. O Nordeste não pode ficar isolado diante das mudanças recentes acontecidas no cenário internacional. Após o fenômeno da globalização de mercados, a abertura da economia brasileira, a criação do MERCOSUL e a formação dos blocos econômicos, a Região precisa reformular a sua estratégia de inserção na economia internacional. Reverter o quadro de relativo fechamento do Nordeste no comércio internacional, exige tornar a Região mais competitiva e mais atuante nos mercados internacionais, aproveitando as suas vantagens comparativas e o potencial de demanda das exportações.

O objetivo deste trabalho é fornecer subsídios para a discussão sobre a melhor estratégia de inserção do Nordeste na nova ordem internacional. Pretende-se conhecer melhor o desempenho das exportações da região nos últimos anos em nível dos principais blocos econômicos. Embora sejam considerados todos os blocos, a análise será centralizada nos blocos comerciais mais importantes para a Região em termos de exportações: bloco do NAFTA, bloco da União Europeia, Bloco do MERCOSUL e bloco Asiático. Analisar-se-á a importância relativa de cada bloco para a Região, a evolução dessa posição relativa, e a estrutura da pauta de exportações para cada bloco. Na seção dois, serão analisadas as exportações do Nordeste, segundo os blocos econômicos, procurando identificar o destino das exportações regionais. Pretende-se ter uma visualização da direção do provável impacto sobre a economia da região das mudanças recentes no comércio mundial. Na seção três, analisa-se a estrutura da pauta das exportações da região, segundo o destino dos principais blocos econômicos. Na seção quatro, são apresentadas as principais conclusões do trabalho.

2 AS EXPORTAÇÕES DO NORDESTE POR BLOCOS ECONÔMICOS

Nesta seção procura-se desenvolver uma análise das exportações do Nordeste e a participação de cada bloco, procurando identificar, da forma mais precisa possível, o destino das exportações regionais.

Essa metodologia permite identificar, com um razoável grau de precisão, um provável fluxo de comércio do Nordeste para o exterior e fornecer uma primeira visualização da direção do provável impacto sobre a economia regional, de uma transformação nas linhas do comércio mundial. Possibilita também aquilatar o grau de articulação comercial do Nordeste com os diferentes blocos comerciais existentes no mundo. Serão considerados não apenas aqueles blocos econômicos já institucionalizados, mas também aqueles agrupamentos de países que embora não formem um bloco formal, merecem que sejam estudados por um outro motivo (países com alto crescimento, fatores geográficos, importância comercial para a Região, etc.). Os blocos e grupos de países considerados são os seguintes:

UNIÃO EUROPÉIA:

Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Portugal e Reino Unido.

NAFTA:

Canadá, Estados Unidos (USA) e México.

MERCOSUL Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai.

MERCADO COMUM ANDINO: Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e Venezuela.

CARICOM:

Antigua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, Granada, Guiana, Jamaica, Trinidad e Tobago, Mont Serrat, São Cristovão, São Vicente e Granadinas.

MCCA:

Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras e Nicarágua.

AELC: Áustria, Finlândia, Islândia, Noruega, Suécia e Suíça.

PAÍSES ASIÁTICOS: Japão, República da Coreia, Hong Kong, Tailândia, Cingapura, China, Malásia, Taiwan e Filipinas.

EUROPA ORIENTAL:

Albânia, Bulgária, Hungria, Polônia, Romênia, Tchecoslováquia, Federação Russa, Lituânia, Letônia, Ucrânia, Bielorrússia, Estônia, Eslovênia e Turcomenia.

OCEANIA:

Austrália e Nova Zelândia.

PAÍSES DO ORIENTE MÉDIO:

Israel, Arábia Saudita, Irã, Kuwait, União dos Emirados Árabes e a Jordânia.

2.1 O NORDESTE E OS BLOCOS COMERCIAIS

A Região Nordeste exporta para todos os blocos comerciais existentes no mundo em maior ou menor escala. Cabe fazer uma investigação preliminar a cerca da participação de cada bloco econômico a fim de verificar os vínculos que o Nordeste mantém como os diferentes blocos. Para alcançar tal desiderato, procurou-se utilizar os dados de exportação fornecidos pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Indústria, Comércio e Turismo (MICT) e disponível através do Sistema Alice do Serviço de Processamento de Dados (SERPRO).

As TABELAS 1 e 2 apresentam o valor das exportações segundo os diferentes blocos comerciais para o período 1991-95.

Observa-se que o **NAFTA** constitui o principal mercado das exportações do Nordeste, com uma participação da ordem de 27,17% em 1995. Essa participação sofreu um leve incremento no ano de 1993 (28,93%), mas o que se pode perceber é que ela permaneceu estagnada em torno dos 27%. Em segundo lugar, como principal mercado dos produtos nordestinos encontra-se a **UNIÃO EUROPÉIA**, que em 1991 apresentou uma participação da ordem de 28,92%, consti-

tuindo-se o principal mercado neste ano, para alcançar, em 1995, um patamar de 20,4%. Constata-se assim um declínio acentuado da participação deste bloco nas exportações do Nordeste, sugerindo, em princípio, uma significativa mudança no eixo das exportações regionais. Em terceiro lugar, destaca-se o bloco dos **PAÍSES ASIÁTICOS** que, em 1991, apresentou uma participação da ordem de 17,39% caindo para 13,88% em 1995. O comportamento deste bloco foi idêntico ao da União Européia, com um declínio na participação do valor das exportações. Em quarto lugar, encontra-se o

MERCOSUL. Em 1991, a participação das exportações para esse bloco, recém criado, foi de 4,91% elevando-se para 9,92% em 1995. Verifica-se assim que houve e está havendo uma lenta, porém, significativa mudança no eixo do comércio do Nordeste com os diferentes blocos econômicos. A queda de participação da União Européia foi reflexo de uma mudança de eixo, no sentido do Mercosul, que duplicou a sua participação no comércio de mercadorias produzidas no Nordeste. Os outros blocos se constituem em elementos marginais do comércio internacional do Nordeste.

TABELA 1
VALOR DAS EXPORTAÇÕES DO NORDESTE POR BLOCOS ECONÔMICOS
(EM MILHARES DE US\$) 1991-1995

	1991	1992	1993	1994	1995
UE	827.057	782.047	711.716	785.960	864.753
NAFTA	795.913	845.733	871.513	968.537	1.152.123
MERCOSUL	140.489	197.843	234.502	321.251	420.707
AELC	25.729	34.600	27.401	63.661	56.494
Países Asiáticos	497.220	523.144	544.567	583.500	588.632
MCCA	..	7.012	11.232	11.931	8.675
MERC. COM. ANDINO	43.243	54.161	69.893	86.635	129.360
CARICOM	..	15.798	11.406	5.757	5.727
OCEANIA	..	9.282	8.799	13.281	14.248
ORIENTE MÉDIO	..	75.875	59.044	42.741	86.340
EUROPA ORIENTAL	..	31.790	84.636	91.616	230.448
OUTROS PAÍSES	530.120	457.760	377.937	527.982	682.492
TOTAL	2.859.771	3.035.045	3.012.646	3.502.854	4.239.999

FONTE: Ministério da Indústria, Comércio e Turismo. Elaboração Convênio Sudene/UFPE/PIMES. Dados não disponíveis na fonte consultada

TABELA 2
VALOR DAS EXPORTAÇÕES DO NORDESTE POR BLOCOS ECONÔMICOS
(PARTICIPAÇÃO RELATIVA) 1991-1995

	1991	1992	1993	1994	1995
EU	28,92%	25,77%	23,62%	22,44%	20,40%
NAFTA	27,83%	27,87%	28,93%	27,65%	27,17%
MERCOSUL	4,91%	6,52%	7,78%	9,17%	9,92%
AELC	0,90%	1,14%	0,91%	1,82%	1,33%
Países Asiáticos	17,39%	17,24%	18,08%	16,66%	13,88%
MCCA	..	0,23%	0,37%	0,34%	0,20%
MERC. COM. ANDINO	1,51%	1,78%	2,32%	2,47%	3,05%
CARICOM	..	0,52%	0,38%	0,16%	0,14%
OCEANIA	..	0,31%	0,29%	0,38%	0,34%
ORIENTE MÉDIO	..	2,50%	1,96%	1,22%	2,04%
EUROPA ORIENTAL	..	1,05%	2,81%	2,62%	5,44%
OUTROS PAÍSES	18,54%	15,07%	12,55%	15,07%	16,09%
TOTAL	100	100	100	100	100

FONTE: Ministério da Indústria, Comércio e Turismo. Elaboração Convênio Sudene/UFPE/PIMES
..Dados não disponíveis na fonte consultada

Um ponto que chama a atenção diz respeito ao lento crescimento das exportações do Nordeste para o exterior, o que indica que a região, embora dispondo de suficiente capacidade produtiva para demarrar um processo autosustentado de vendas para o mercado externo em função de uma pletera de bens produzidos no espaço regional, ainda não está aproveitando, de forma eficiente e eficaz, as oportunidades de mercado que existem para os produtos efetivamente produzidos na região e passíveis de demanda externa.

2.2 EXPORTAÇÕES DO NORDESTE PARA O MERCOSUL

As estatísticas indicam que todos os estados do Nordeste exportam para os países do MERCOSUL, embora haja uma brutal concentração das exportações em termos espaciais e de indústria. A TABELA 3 apresenta o volume das exportações para o MERCOSUL por estados do Nordeste para o período 1991-1995. A série cronológica, embora curta, permite, em uma primeira aproximação, avaliar o impacto das transformações que ocorreram no segmento produtivo do Nordeste com a criação do mercado regional do sul do continente.

As exportações para os países do cone sul que, em 1991 foram de 140 milhões de dólares, saltaram em 1995 para 420 milhões, indicando um acréscimo de quase 200% no curto espaço de cinco anos. Tal performance, por si só, mereceria soltar muitos rojões se este acréscimo tivesse apresentado-se de forma horizontal, isto é, se as exportações totais do Nordeste para o resto do mundo tivessem alcançado um performance igual ou pouco abaixo da apresentada para MERCOSUL. O que vai se constatar, todavia, é um forte desvio e criação de comércio, com uma queda na participação de alguns blocos comerciais em detrimento de maior volume de exportações para o mercado do cone sul.

Analisando a performance das exportações para o MERCOSUL, em uma perspectiva espacial, percebe-se grandes assimetrias, indicando que nem todos os estados do Nordeste apresentam estruturas produtivas complementares as dos países do cone sul. O estado do Maranhão exportou em 1991 um total de 2,9 milhões de dólares, saltando em 1995 para a cifra de 38,3 milhões de dólares, com um incremento de mais de

1200%. Em termos relativos essa participação era de 2,10% em 1991, passa para 9,12% em 1995, chegando a alcançar 11,71% em 1993. Trata-se de um caso muito particular, pois nesse período o estado do Maranhão tornou-se uma grande base produtiva de alumínio com a conclusão do complexo de alumínio da ALUMAR, subsidiária da ALCAN canadense. Em verdade o estado do Maranhão tornou-se, dentro do Nordeste, uma zona produtora de mercadorias altamente intensiva de insumos energéticos, resultado de uma estratégia produtiva de uma empresa multinacional. Embora o valor agregado em nível do espaço nordestino seja reduzido em função da própria tipologia da indústria em questão, que importa a matéria prima de outras regiões do mundo, há que reconhecer o impacto positivo, especialmente sobre o nível de renda da região onde se localizou a planta industrial, e em menor magnitude sobre o nível de emprego.

Os estados do Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagoas mantiveram um intercâmbio relativamente modesto com os nossos parceiros do MERCOSUL. Somando a participação dessas quatro unidades, para o ano de 1991, verifica-se que ela não ultrapassou a casa dos cinco por cento, declinando para um patamar de menos de três por cento para o ano de 1995. Em valores absolutos e tomando os extremos da série, percebe-se que os valores das exportações do Piauí permaneceram quase estagnadas, do Rio Grande do Norte cresceram num patamar de 390%, a da Paraíba cresceram na faixa de 255% e no caso de Alagoas houve uma queda violenta da ordem de aproximadamente 83%.

O estado do Ceará apresentou, em termos absolutos, uma boa performance, saindo de 9,4 milhões de dólares, em 1991, para 43,2 milhões, em 1995. A sua participação, em termos relativos, também cresceu de forma significativa, passando de 6,7% em 1991 para 10,27% em 1995.

O Estado da Bahia foi o que mais se destacou em termos do valor exportado para o MERCOSUL. O valor das exportações desse estado para os países do cone sul foi em 1991, da ordem de 97 milhões de dólares saltando, em 1995, para 287 milhões, com um acréscimo de, aproximadamente, 200%, o que constitui, *per se*, um avanço espetacular, fenômeno bastante semelhante ao caso do Maranhão. Em termos relativos a participação da Bahia em relação aos países do cone sul permaneceu estagnada, saindo de 69,44% em 1991 para 68,25% em 1995; variação desprezível em relação ao global da região. O fato inusitado

em relação ao caso baiano esta associado ao perfil da matriz produtiva do Estado que é, basicamente, complementar ao perfil da matriz produtiva dos países do cone sul. Com efeito, o grosso das exportações da Bahia para os países do Mercosul se constitui de produtos manufaturados, de origem petroquímica, de alto valor agregado. O Pólo Petroquímico da Bahia joga um papel relevante no contexto dessas exportações, posto que o acréscimo inusitado das exportações baianas pode ser creditado aos produtos da indústria química.

O estado de Pernambuco apresentou uma performance extremamente bisonha em relação as exportações para o MERCOSUL. Por volta de 1991, o valor das vendas para aquele mercado alcançou o montante de 17 milhões de dólares passando para 36 milhões em 1995, com um acréscimo mais de 100%, bastante inferior ao caso da Bahia e Maranhão. Em termos relativos,

observa-se, tomando os extremos da série, uma queda da participação do Estado de 12,40% para 8,71%, para 1991 e 1995, respectivamente. Uma das razões para a baixa performance do Estado em relação as exportações para os países do cone sul está associada a matriz produtiva do próprio Estado que ao se concentrar em produtos primários, apresenta-se claramente competitiva com a própria pauta de exportação dos países do cone sul, tradicionais produtores de grãos e *commodities* agrícolas.

Finalmente caberia tecer breves considerações sobre as exportações do estado de Sergipe para os países que formam o MERCOSUL. De uma forma inusitada, observa-se uma queda, em termos absolutos, do valor das exportações de Sergipe, de um patamar de seis milhões de dólares em 1991 para 3,7 milhões em 1995. Em termos percentuais, a queda foi de 4,34% para 0,9%, respectivamente.

TABELA 3
EXPORTAÇÕES DOS ESTADOS DO NORDESTE PARA O MERCOSUL
(EM MILHARES DE US\$) 1991-1995

ESTADOS	1991	1992	1993	1994	1995
Maranhão	2.956	18.726	27.467	34.530	38.370
Piauí	1.107	488	598	410	1.351
Rio G. do Norte	500	2.388	3.432	2.134	2.450
Paraíba	1.992	844	2.775	3.135	7.090
Alagoas	3.445	479	998	12.001	617
Ceará	9.407	11.697	27.067	30.737	43.219
Bahia	97.554	137.135	141.817	189.959	287.147
Pernambuco	17.425	21.657	25.483	44.592	36.664
Sergipe	6.103	4.429	4.865	3.753	3.799
TOTAL	140.489	197.843	234.502	321.251	420.707

FONTE: Ministério da Indústria, Comércio e Turismo. Elaboração Convênio Sudene/UFPE/PIMES

TABELA 4
EXPORTAÇÕES DOS ESTADOS DO NORDESTE PARA O MERCOSUL
(VALORES RELATIVOS) 1991-1995

ESTADOS	1991	1992	1993	1994	1995
Maranhão	2,10	9,46	11,71	10,75	9,12
Piauí	0,79	0,25	0,26	0,13	0,32
Rio G. do Norte	0,36	1,21	1,46	0,66	0,58
Paraíba	1,42	0,43	1,18	0,98	1,69
Alagoas	2,45	0,24	0,43	3,74	0,15
Ceará	6,70	5,91	11,54	9,57	10,27
Bahia	69,44	69,31	60,48	59,13	68,25
Pernambuco	12,40	10,95	10,87	13,88	8,71
Sergipe	4,34	2,24	2,07	1,17	0,90
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: Ministério da Indústria, Comércio e Turismo. Elaboração Convênio Sudene/UFPE/PIMES

Sumariando, podemos afirmar que as empresas localizadas no Nordeste, muito antes do advento do MERCOSUL, já apresentavam um bom comportamento comercial em relação aos nossos parceiros do cone sul. Entre os anos de 1991 a 1994, antes do advento do mercado comum do cone sul, as exportações mais que duplicaram. Com o advento do Tratado Comercial, esse crescimento alcançou patamares mais significativos, sugerindo que a abertura comercial foi prontamente assimilada pelos capitalistas regionais. Esse desempenho entretanto foi inferior ao do Brasil como um todo.

A TABELA 5 apresenta os índices do valor das exportações dos estados do Nordeste para o MERCOSUL. Algumas observações podem ser feitas a partir dos indicadores contidos na citada Tabela. Em primeiro lugar, constata-se um incremento persistente e crescente das exportações para o MERCOSUL o que reflete, em uma primeira aproximação, uma forte complementariedade da estrutura da economia nordestina *vis-à-vis* os países do bloco em análise. Em segundo lugar, o baixo coeficiente de instabilidade do índice de exportação para a grande maioria dos estados, exceto o caso dos estados de Alagoas e Piauí. Em terceiro lugar o forte incremento do valor exportado pelos estados do Maranhão, Rio Grande do Norte, Bahia e Ceará. Como é bastante sabido esses estados apresentam matrizes produtivas extremamente diferenciadas. Enquanto o Maranhão e Bahia exportam produtos manufaturados, de origem mineral e petroquímica,

2.3 EXPORTAÇÕES DO NORDESTE PARA O NAFTA

O NAFTA constitui-se no principal mercado consumidor do mundo. As relações comerciais da Região Nordeste com os países que formam esse bloco comercial são bastante antigas, e pelo que será mostrado nas páginas seguintes, apresenta um perfil extremamente favorável à Região Nordeste. A TABELA 1 deu destaque ao valor das exportações para o mercado em destaque, e o que se pode observar é uma tendência nitidamente crescente das mesmas, embora a taxas extremamente tímidas. Entre os anos 1991-95, as exportações do Nordeste para esse Mercado apresentaram um incremento relativo da ordem de 45%, aproximadamente, extremamente inferior ao caso do MERCOSUL, por exemplo, que apresentou um incremento, para o mesmo período, da ordem de quase 200%. Em termos relativos, a participação do NAFTA nas exportações do Nordeste permaneceu praticamente constante, variando de 27,83 em 1991 para 27,17% em 1995.

As evidências apresentadas na tabela em destaque, fornecem uma pálida indicação das potenciais transformações que podem ocorrer na estrutura produtiva do Nordeste, por conta da criação desse bloco comercial. Dada a heterogeneidade estrutural-espacial da economia nordestina, há que reconhecer que as transformações

TABELA 5
EXPORTAÇÕES DOS ESTADOS DO NORDESTE PARA O MERCOSUL
ÍNDICE DE EXPORTAÇÃO ANO-BASE: 1991

ESTADOS	1991	1992	1993	1994	1995
Maranhão	100	633	929	1168	1298
Piauí	100	44	54	37	122
Rio G. Norte	100	477	686	426	490
Paraíba	100	42	139	157	355
Alagoas	100	13	28	348	17
Ceará	100	124	287	326	459
Bahia	100	140	145	194	294
Pernambuco	100	124	146	255	210
Sergipe	100	72	79	61	62
TOTAL	100	140	166	228	299

FONTE: MICT-Elaboração Convênio Sudene/UFPe/PIMES

ca, o estado do Rio Grande do Norte tem na composição de sua pauta de exportação para os países que formam o MERCOSUL, produtos tipicamente agrícolas e de origem in natura.

acarretadas pela nova moldura comercial criada a partir do surgimento do NAFTA, repercutirão de forma diferenciada no espaço econômico regional. Uma forma de captar essas potenciais

transformações pode ser encetada a partir da análise das exportações segundo as unidades políticas que constituem a Região Nordeste do Brasil.

A TABELA 6 apresenta o valor das exportações, segundo estados do Nordeste, para o NAFTA, relativo aos anos 1991-95.

Iniciando a análise pela estado Maranhão, verifica-se que esta Unidade apresentou uma per-

alumínio e da criação de pequenas unidades, ao longo da Estrada de Ferro Carajás, de ferro gusa. Isso mostra o impacto da criação de unidades manufatureiras voltadas para o mercado externo sobre um espaço econômico tradicionalmente produtor de produtos de origem agrícola e extremamente atrasado.

Em relação ao estado do Piauí, observa-se um incremento, tanto em valores absolutos quanto relativos, nas exportações para o Nafta,

TABELA 6
EXPORTAÇÕES DOS ESTADOS DO NORDESTE PARA O NAFTA
(EM MILHARES DE US\$) 1991-1995

ESTADOS	1991	1992	1993	1994	1995
Maranhão	13.874	26.358	89.093	131.429	251.839
Piauí	7.450	12.166	20.952	12.780	14.894
R. G. do Norte	41.367	39.023	31.082	33.610	28.867
Paraíba	34.927	33.441	33.818	44.911	39.443
Alagoas	69.110	58.444	62.038	48.410	61.697
Ceará	147.996	178.214	163.515	160.801	187.752
Bahia	391.861	425.479	383.912	481.677	465.078
Pernambuco	88.085	67.826	81.470	53.488	100.101
Sergipe	1.243	4.782	5.633	1.431	2.452
TOTAL	795.913	845.733	871.513	968.537	1.152.123

FONTE: MICT-Elaboração Convênio Sudene/UFPe/PIMES

formance extremamente positiva, tanto em termos absolutos quanto relativos. Em 1991 o Maranhão exportou 13 milhões de dólares, passando para 251 milhões em 1995, o que representou um incremento da ordem de 1.700%! Algo fantástico para os padrões de uma região extremamente pobre e com um setor produtivo concentrado fundamentalmente no processamento de produtos primários. Em termos relativos a transformação foi significativa. Em 1991 a participação do Maranhão foi de 1,74%, cambiando para 21,86% em 1995. Em um curto espaço de cinco anos, o Maranhão tornou-se o segundo centro exportador do Nordeste para os países do NAFTA. Quando se compara a performance das exportações do estado do Maranhão com a dos outros estados do Nordeste, constata-se um fenômeno interessante. Estados como o Ceará, Alagoas e Pernambuco, tradicionais exportadores para os países do NAFTA, especialmente de produtos primários e semi-elaborados de origem agrícola, foram, em um curto período de cinco anos, suplantados pelo estado do Maranhão. Este fenômeno foi resultado da simples, porém significativa, implantação de uma grande empresa multinacional no Estado, voltada para a produção de

quando comparado com o total do Nordeste. Em relação ao Rio Grande do Norte, os dados da Tabela 6 indicam uma queda, em valores absolutos das exportações para o bloco econômico em destaque. Em relação ao estado da Paraíba observa-se um incremento bastante tímido no valor das exportações para o NAFTA. A participação desse estado em relação ao total do Nordeste declinou de 4,39% em 1991, para 3,42% em 1995, respectivamente. As exportações do estado de Alagoas também declinaram em valores absolutos para o NAFTA, caindo de 69 para 61 milhões de dólares em um curto período de cinco anos.

Os três estados de maior Produto Bruto Regional, coincidentemente apresentaram incrementos absolutos nas exportações entre os anos de 1991 e 1995, mas suas participações em relação ao global exportado para o NAFTA declinaram de forma significativa.

Em termos espaciais a grande liderança nas exportações do Nordeste para o NAFTA, ao longo do período 1991-95, coube ao estado do Maranhão. Já explicitamos em parágrafo anterior, as razões para tão brilhante performance.

Caso o estado do Maranhão mantivesse o valor das exportações constantes ao níveis de 1991, a taxa de crescimento das exportações do Nordeste para o NAFTA não teria passado de, no máximo, 10% para o quinquênio, o que representaria, praticamente, uma situação de estagnação da demanda dos países do bloco em relação aos produtos do Nordeste.

A TABELA 7 é bastante ilustrativa pois mostra a participação relativa de cada estado do Nordeste no valor total das exportações para o NAFTA. Ela simplesmente corrobora as ilações apresentadas em parágrafos anteriores. O comportamento das exportações do estado do Maranhão, simplesmente indicam uma forte mudança na matriz produtiva do Estado, altamente favorável ao perfil da demanda por importações (exportações do Nordeste) dos países que compõe o NAFTA.

TABELA 7
VALOR DAS EXPORTAÇÕES DOS ESTADOS DO NORDESTE PARA O NAFTA
1991-1995 (PARTICIPAÇÃO RELATIVA)

ESTADOS	1991	1992	1993	1994	1995
Maranhão	1,74	3,12	10,22	13,57	21,86
Piauí	0,94	1,44	2,40	1,32	1,29
R.G. do Norte	5,20	4,61	3,57	3,47	2,51
Paraíba	4,39	3,95	3,88	4,64	3,42
Alagoas	8,68	6,91	7,12	5,00	5,36
Ceará	18,59	21,07	18,76	16,60	16,30
Bahia	49,23	50,31	44,05	49,73	40,37
Pernambuco	11,07	8,02	9,35	5,52	8,69
Sergipe	0,16	0,57	0,65	0,15	0,21
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: MICT-Elaboração Convênio Sudene/UFPe/PIMES

A fim de avaliar as diferenças de comportamento do valor das exportações de cada estado do Nordeste para o NAFTA, procurou-se calcular um índice do valor das exportações, tomando como o ano-base da série o ano de 1991. A TABELA 8 apresenta o referido índice. Os dados são extremamente sugestivos. O valor das exportações do Nordeste apresentou um crescimento da ordem de 44,7% em um intervalo de cinco anos. Dos nove estados que formam a região, somente três apresentaram uma perfor-

mance acima da média do Nordeste: Maranhão, Piauí e Sergipe. Os três principais estados - Pernambuco, Bahia e Ceará - em matéria de geração de produto, apresentaram uma performance extremamente fraca, crescendo abaixo da média regional. Dois estados - Rio Grande do Norte e Alagoas, apresentaram um decréscimo na valor das exportações. Como era de se esperar, a média do Nordeste foi alta em função do comportamento mais do que atípico das exportações do estado do Maranhão.

2.4 EXPORTAÇÕES DO NORDESTE PARA A UNIÃO EUROPÉIA

Como foi mostrado no primeiro bloco desta seção a União Européia se constitui, no presente momento, no segundo mercado para os produtos elaborados e exportados para o exterior pelos empresários localizados na Região Nordeste do Brasil. Embora a participação relativa desse importante mercado em termos do valor das exportações do Nordeste tenha apresentado uma substancial queda em um curto intervalo de cinco anos (8 pontos percentuais), mesmo assim ainda representa o segundo grande mercado demandante das mercadorias exportadas e produzidas na região.

TABELA 8
VALOR DAS EXPORTAÇÕES DOS ESTADOS DO NORDESTE PARA O NAFTA
ÍNDICE DO VALOR DAS EXPORTAÇÕES ANO-BASE = 1991

ESTADOS	1991	1992	1993	1994	1995
Maranhão	100	189	642	947	1.815
Piauí	100	163	281	171	199
Rio G. Norte	100	94	75	81	69
Paraíba	100	95	96	128	112
Alagoas	100	84	89	70	89
Ceará	100	120	110	108	126
Bahia	100	108	97	122	118
Pernambuco	100	77	92	60	113
Sergipe	100	384	453	115	197
TOTAL	100	106	109	121	144

FONTE: MICT-Elaboração Convênio Sudene/UFPe/PIMES

A TABELA 9 apresenta o valor das exportações dos estados do Nordeste para a União Européia. Procura-se assim espacializar o valor das exportações com o objetivo de verificar os prováveis impactos de um suposto incremento dessas exportações em relação ao mercado em estudo.

No contexto deste mercado regional, constata-se que dois estados do Nordeste - Maranhão e Bahia - praticamente enfeixam a quase totalidade das exportações, representando mais de dois terços da mesma. No caso do Maranhão

sentaram quedas no valor absoluto das exportações (1991-1995). Isto sugere mudanças significativas no perfil da demanda dos países do bloco da União Européia, frente a pletores de mercadorias exportadas pela Região Nordeste.

A TABELA 10 apresenta a participação relativa do valor das exportações dos estados do Nordeste com destino aos países da União Européia.

Constata-se um crescimento significativo do estado da Bahia que, em 1991, contribuía com 47,68%, chega em 1995, a alcançar o correspondente a 60,4% do total do valor exportado para aquele mercado. A maioria dos outros estados diminuíram a sua participação nas vendas para aquele mercado.

Como grande parte das exportações do Nordeste ainda se concentra em produtos agrícolas *in natura* e semi-industrializados, e dado que alguns países ligados a esse bloco possuíam por volta da década de 1960, inúmeras colônias

TABELA 9
VALOR DAS EXPORTAÇÕES DOS ESTADOS DO NORDESTE
PARA
A UNIÃO EUROPÉIA (EM MILHARES DE US\$) 1991-1995

ESTADOS	1991	1992	1993	1994	1995
Maranhão	199.136	115.692	114.972	143.228	123.475
Piauí	20.354	18.669	30.919	29.532	29.922
Rio G. Norte	25.774	19.968	30.899	34.578	19.743
Paraíba	11.095	15.270	23.007	29.676	18.746
Alagoas	28.769	29.755	30.633	28.581	41.457
Ceará	74.759	68.829	35.384	36.046	46.826
Bahia	394.306	436.377	375.822	384.598	522.423
Pernambuco	54.540	42.044	56.438	76.353	51.976
Sergipe	18.324	35.443	13.642	23.368	10.185
TOTAL	827.057	782.047	711.716	785.960	864.753

FONTE: MICT-Elaboração Convênio Sudene/UFPe/PIMES

destacam-se as exportações de soja e minerais metálicos - alumínio -, industrializado em uma grande planta industrial localizada no próprio Estado, enquanto que em relação ao estado da Bahia, despontam as exportações de manufaturados, especialmente aqueles originários da indústria petroquímica, papel, celulose e cobre.

O fenômeno interessante no contexto da relação do Nordeste com o bloco comercial em destaque diz respeito ao fraquíssimo desempenho das exportações regionais para este bloco. No intervalo de cinco anos o valor das exportações para a União Européia apresentou um crescimento da ordem de 4%, extremamente baixo *vis-à-vis* aos outros blocos já analisados. Estados como Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco e Sergipe apre-

TABELA 10
EXPORTAÇÕES DOS ESTADOS DO NORDESTE PARA A UNIÃO
EUROPÉIA
(PARTICIPAÇÃO RELATIVA) 1991-1995

ESTADOS	1991	1992	1993	1994	1995
Maranhão	24,08	14,79	16,15	18,22	14,28
Piauí	2,46	2,39	4,34	3,76	3,46
Rio G. Norte	3,12	2,55	4,34	4,40	2,28
Paraíba	1,34	1,95	3,23	3,78	2,17
Alagoas	3,48	3,81	4,30	3,64	4,79
Ceará	9,04	8,80	4,97	4,59	5,41
Bahia	47,68	55,80	52,90	48,97	60,41
Pernambuco	6,59	5,38	7,93	9,72	6,01
Sergipe	2,22	4,53	1,92	2,97	1,18
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: MICT-Elaboração Convênio Sudene/UFPe/PIMES

localizadas em regiões tropicais, produzindo um conjunto de mercadorias idênticas às exportadas pelo Nordeste. Com a criação do Bloco, foram realizados acordos comerciais específicos com as antigas colônias transformadas em estados independentes para a exportação de produtos tropicais. Inúmeras empresas, multinacionais ou não,

com sede nas antigas metrópoles, se instalaram nessas ex-colônias, produzindo produtos tropicais voltados, basicamente, para suprir as necessidades dos mercados metropolitanos. Evidentemente que os governos centrais, no momento da criação do bloco, procuraram estabelecer salvaguardas de mercado para os produtores localizados nesses protetorados. Nesta situação, a Região Nordeste, tradicional exportadora de *commodities* de origem tropical, como o açúcar, cacau, algodão e outros assemelhados e mais recentemente frutas tropicais, como manga, melão, abacaxi e outros, defrontou-se com uma concorrência extremamente forte. Criaram-se barreiras não tarifárias extremamente elevadas que limitaram o acesso dos produtores regionais a esse grande mercado consumidor.

A TABELA 11 destaca os índices do valor das exportações dos estados do Nordeste para a União Européia. Somente quatro estados apresentaram uma performance acima da média regional: Piauí, Paraíba, Alagoas e Bahia. O restante dos estados mostraram uma tendência declinante no valor das exportações.

A posição do estado da Bahia é extremamente confortável em relação ao mercado da União Européia. Dispondo em seu espaço de um Pólo Petroquímico de elevado nível de sofisticação e competitividade

foi capaz de ampliar o volume de exportações para esse mercado altamente demandante de produtos dessa natureza.

2.5 EXPORTAÇÕES DO NORDESTE PARA O BLOCO ASIÁTICO

Pretende-se nesta seção analisar o comportamento do valor das exportações dos estados do Nordeste para o Bloco Asiático. A TABELA 12

TABELA 12
VALOR DAS EXPORTAÇÕES DO NORDESTE PARA OS PAÍSES
DO BLOCO ASIÁTICO
(EM MILHARES DE US\$) 1991-1995

	1991	1992	1993	1994	1995
Maranhão	237.543	248.186	219.024	250.974	242.111
Piauí	2.521	3.422	2.962	4.311	10.722
R. G. do Norte	2.600	2.904	2.105	1.167	4.785
Paraíba	2.178	4.088	4.177	973	13.526
Alagoas	15.909	10.787	30.392	39.351	56.114
Ceará	15.075	11.250	12.441	16.995	23.300
Bahia	206.608	237.205	270.424	262.632	203.305
Pernambuco	14.293	5.302	3.042	7.095	34.665
Sergipe	493	0	0	2	104
NE	497.220	523.144	544.567	583.500	588.632

FONTE: MICT-Elaboração Convênio Sudene/UFPe/PIMES

TABELA 11
EXPORTAÇÕES DOS ESTADOS DO NORDESTE PARA A UNIÃO
EUROPÉIA
ÍNDICE DO VALOR DAS EXPORTAÇÕES (ANO BASE= 1991)

ESTADOS	1991	1992	1993	1994	1995
Maranhão	100	58	57	71	62
Piauí	100	91	151	145	147
Rio G. Norte	100	77	119	134	76
Paraíba	100	137	207	267	168
Alagoas	100	103	106	99	144
Ceará	100	92	47	48	62
Bahia	100	110	95	97	132
Pernambuco	100	77	103	139	95
Sergipe	100	193	74	127	55
TOTAL	100	95	86	95	104

FONTE: MICT-Elaboração Convênio Sudene/UFPe/PIMES

apresenta o valor das exportações do Nordeste para o bloco em análise. Os dados são insofismáveis! As exportações se concentram fundamentalmente em termos dos estados do Maranhão e Bahia. O primeiro exportando produtos de alta densidade energética, como o alumínio, e o segundo exportando produtos manufaturados oriundos da indústria petroquímica. Embora as exportações da Bahia tenham declinado, em termos absolutos, no intervalo 1991-1995, ainda assim elas se apresentam significativas, na medida em que os produtos exportados apresentam alto valor agregado. A contribuição dos outros estados é menor. O somatório das exportações oriundas do Maranhão e Bahia já chegaram a re-

presentar 89% do total exportado do Nordeste para aquele mercado. Esse percentual declinou para 75% aproximadamente, em 1995, representando uma queda ponderável da participação desses dois estados.

Um aspecto importante que deve ser pontuado é o fato de que o mercado asiático é, entre todos os mercados, aquele que apresenta as maiores taxas de crescimento do Produto Nacional Bruto, para os últimos cinco anos. É um mercado com um grande contingente populacional e com alguns países com elevadas renda *per-capita*, como é o caso do Japão. A inserção dos produtos do Nordeste nesse mercado é de vital importância para o crescimento regional.

A TABELA 13 apresenta a participação relativa dos estados da região no valor total exportado para o Bloco Asiático. Do ponto de vista espacial as exportações regionais para aquele bloco comercial estão concentradas, fundamentalmente, em dois sub-espacos regionais - Maranhão e Bahia. Mais especificamente, na cidade de S.Luís, onde se concentra a unidade de produção da ALUMAR, e na Região Metropolitana de Salvador onde funciona o Complexo Petroquímico de Camaçari, principal centro exportador do estado da Bahia.

TABELA 13
VALOR DAS EXPORTAÇÕES DOS ESTADOS DO NORDESTE PARA O BLOCO ASIÁTICO (PARTICIPAÇÃO RELATIVA) 1991-1995

ESTADOS	1991	1992	1993	1994	1995
Maranhão	47,77%	47,44%	40,22%	43,01%	41,13%
Piauí	0,51%	0,65%	0,54%	0,74%	1,82%
R. G. do Norte	0,52%	0,56%	0,39%	0,20%	0,81%
Paraíba	0,44%	0,78%	0,77%	0,17%	2,30%
Alagoas	3,20%	2,06%	5,58%	6,74%	9,53%
Ceará	3,03%	2,15%	2,28%	2,91%	3,96%
Bahia	41,55%	45,34%	49,66%	45,01%	34,54%
Pernambuco	2,87%	1,01%	0,56%	1,22%	5,89%
Sergipe	0,10%	0,00%	0,00%	0,00%	0,02%
Total	100	100	100	100	100

FONTE: MICT-Elaboração Convênio Sudene/UFPe/PIMES

A participação das exportações do estado de Alagoas aumentou de forma persistente ao longo

do período 1991-1995, saindo de um patamar de 3,2% para 9,5%. Parte desse crescimento pode ser creditado às exportações de açúcar e de outro lado as exportações de produtos oriundos do complexo cloro-químico, criado pelo setor estatal, operando na cidade de Maceió.

A TABELA 14 apresenta o índice do valor das exportações dos estados do Nordeste para o Bloco Asiático. No intervalo de cinco anos - 1991-1995 - as exportações cresceram na ordem de 18%, taxa extremamente baixa se se leva em conta o comportamento dos índices de cresci-

TABELA 14
VALOR DAS EXPORTAÇÕES DO NORDESTE PARA O BLOCO ASIÁTICO
(ÍNDICE DAS EXPORTAÇÕES) 1991-1995

ESTADOS	1991	1992	1993	1994	1995
Maranhão	100	104,48	92,20	105,65	101,92
Piauí	100	135,74	117,49	171,00	425,31
Rio Grande do Norte	100	111,69	80,96	44,88	184,04
Paraíba	100	187,70	191,78	44,67	621,03
Alagoas	100	67,80	191,04	247,35	352,72
Ceará	100	74,63	82,53	112,74	154,56
Bahia	100	114,81	130,89	127,12	98,40
Pernambuco	100	37,10	21,28	49,64	242,53
Sergipe	100	0,00	0,00	0,41	21,10
NE	100	105,21	109,52	117,35	118,38

FONTE: MICT-Elaboração Convênio Sudene/UFPe/PIMES

mento do PNB dos países que formam o bloco.

Além desse aspecto, há que pontuar o fato da grande instabilidade dos índices para alguns estados nordestinos. Tomando como base o ano de 1991, verifica-se que os únicos estados que apresentaram uma trajetória ascendente no valor das exportações foram Piauí, Alagoas e Ceará. Os restantes mostraram uma trajetória errática, ora crescendo em um ano acima da média, ora decrescendo para patamares considerados extremamente baixos. Isto sugere, claramente, a ausência de uma política comercial bem gerenciada por parte dos capitalistas locais, que, por força dos fortes ventos oriundos da Ásia aumentaram suas exportações em determinado ano e não persistiram na sua política co-

mercial, diminuindo no ano seguinte suas remessas, provocando sérios hiatos no fornecimento do produto, levando a sua exclusão do mercado por conta da falta de continuidade na política de exportação.

3 ESTRUTURA DAS EXPORTAÇÕES DO NORDESTE SEGUNDO OS BLOCOS ECONÔMICOS

O objetivo desta seção é apresentar e analisar a estrutura das exportações nordestinas segundo o destino dos principais blocos econômicos nos

nível de agregação de dez dígitos da Nomenclatura Brasileira de Mercadorias (NBM). Partindo dessa fonte de informações, os dados foram agrupados segundo os blocos econômicos e grupos de produtos, a fim de mostrar as diferenças existentes entre esses blocos econômicos. Os dados originais foram inicialmente agregados em nível de capítulos da NBM e para cada um dos blocos econômicos. A estrutura das exportações, segundo os principais blocos foi numa segunda etapa agrupada, segundo quatorze grandes grupos de produtos de acordo com o seguinte critério de classificação*.

Grupos de produtos	Capítulos da NBM	Descrição
Alimentos, fumo e bebidas	01 a 24	Produtos de origem animal: animais vivos, carnes, peixes, laticínios, ovos. Produtos de origem vegetal: plantas, vegetais, frutas, café, chá, cereais, amidos, trigo, grãos, sementes, gomas, gorduras, e óleos de origem animal e vegetal. Produtos alimentares, bebidas e fumo: carnes preparadas, açúcares, cacau, farinhas, preparados de cereais, pastelaria, preparados de frutas ou vegetais, bebidas alcoólicas ou não e fumo.
Minerais	25 a 27	Sal, enxofre, gesso, cal, cimento, minérios, combustíveis e ceras minerais.
Produtos químicos	28 a 38	Inorgânicos, orgânicos, farmacêuticos, fertilizantes, tintas, óleos, essências, sabões, ceras, colas, pólvora e produtos para fotografia.
Plásticos e borracha	39 a 40	Produtos plásticos e borracha
Calçados e couros	41 a 43 e 64 a 67	Calçados, chapéus, guarda-chuvas, peles e obras de couro
Madeira e carvão vegetal	44 a 46	Madeira, cortiça e obras de madeira
Papel e celulose	47 a 49	Papel e impressos
Têxtil	50 a 63	Fio, tecelagem e confecções
Minerais não metálicos	68 a 72	Obras de pedra, cerâmica e vidro, pérolas, pedras preciosas e metais preciosos.
Metais comuns	73 a 83	Ferro e aço, cobre, níquel, alumínio, chumbo, zinco, estanho e ferramentas
Máquinas e equipamentos	84 a 85	Máquinas e equipamentos elétricos
Material de Transporte	86 a 89	Veículos de transporte, automóveis, tratores, aeronaves e embarcações.
Ótica e instrumentos	90 a 92	Ótica, fotografia e instrumentos de medida e controle
Outros	93 a 99 e 00	Armas e munições, mercadorias diversas, móveis, iluminação, brinquedos, produtos de esporte e objetos de arte.

anos recentes (1991/1995). A fonte dos dados utilizada é a mesma da seção anterior ou seja a Secretaria de Comércio Exterior (SECEX) do Ministério da Indústria, Comércio e Turismo (MICT), dados esses que estão disponíveis em

* O critério de classificação utilizado neste trabalho é o mesmo critério utilizado em THORSTENSEN, V. et al (1994)⁽²⁾.

3.1 ESTRUTURA DAS EXPORTAÇÕES PARA O BLOCO DO NAFTA

Na TABELA 15 é apresentada a pauta das exportações do Nordeste para o bloco do NAFTA segundo os grupos de produtos. Os dados são apresentados em termos absolutos e em termos relativos e são referentes aos anos de 1991 e 1995. Para o NAFTA, o Nordeste exportou no ano de 1991 US\$ 795,9 milhões, passando esse valor para US\$ 1152,1 milhões no ano de 1995. Conforme foi mostrado na seção anterior as exportações para o NAFTA representaram 27,1% do total das exportações do Nordeste no ano de 1995, sendo portanto na atualidade o primeiro mercado do Nordeste. Essa participação no ano de 1991 representava 27,8%. Os grupos de produtos que mais se destacaram na pauta de 1995 para o NAFTA foram: alimentos, fumos e bebi-

TABELA 15
Exportações do Nordeste para o Bloco do NAFTA Segundo Grandes Grupos de Produtos - 1991 e 1995 -

Grupos de Produtos	US\$ milhares		Em percentagem	
	1991	1995	1991	1995
Alimentos, fumo, bebidas	421833,4	381583,2	53,0	33,12
Minerais	92882,9	44587,2	11,67	3,87
Química	63911,7	87676,6	8,03	7,61
Plásticos e borracha	25867,1	41822,1	3,25	3,63
Couros e calçados	8118,3	6912,7	1,02	0,60
Madeira	79,6	3456,4	0,01	0,30
Papel, celulose	79,6	91017,7	0,01	7,9
Têxtil	77999,4	92515,5	9,80	8,03
Min. n. met. e met preciosos	38522,1	180192,0	4,84	15,64
Metais comuns	63991,3	208649,5	8,04	18,11
Máquinas e equipamentos	1432,6	10484,3	0,18	0,91
Material de transporte	79,6	0,0	0,01	0,0
Ótica e instrumentos	1114,3	1267,3	0,14	0,11
Outros	0,0	1958,6	0,0	0,17
Total	795911,9	1152123,1	100,0	100,0

FONTE: MICT/SECEX - Elaboração: convênio UFPE/SUDENE

das, metais comuns (alumínio, etc.), minerais não metálicos e metais preciosos. Ao todo esses três grupos representaram por volta de 67% do total exportado para o bloco do NAFTA em 1995. Assim as exportações para esse bloco parecem estar concentradas em produtos de menor valor agregado. Embora a participação dos produtos básicos, alimentos, fumo e bebidas esteja caindo ainda representa um terço do total das exportações nordestinas para o bloco. Entre os grupos de produtos de maior valor agregado cabe

destacar na tabela o extraordinário crescimento das exportações dos produtos papel e celulose, cuja participação na pauta para o NAFTA representou 7,9% em 1995. Sendo portanto o produto de maior valor agregado com o melhor desempenho em termos de crescimento. Conforme veremos depois, esse mesmo bom desempenho também se repete no caso das exportações para o bloco da União Européia e bloco de países Asiáticos. Os dados em nível de estados da região mostram que o estado que exportou esse produto quase na sua totalidade foi o estado da Bahia, passando a constituir-se de fato num dos principais produtos da pauta de exportação da Bahia. Diversos fatores, tais como a boa cotação do produto alcançado no mercado internacional, tem contribuído para o bom desempenho do produto (no ano passado o preço do produto teve um aumento por volta dos 100%). Por outro lado observa-se uma queda na participação do grupo de produtos do têxtil e, em menor grau, de calçado e couros, setores estes que geram maior valor agregado e são intensivos em

trabalho. Como veremos a mesma queda na participação do produto têxtil, também se observa no caso das exportações para a União Européia. Utilizando a classificação dos produtos segundo a sua intensidade tecnológica*, observa-se que por volta de 80% dos produtos exportados em 1995 para o NAFTA, podem ser considerados de baixa intensidade tecnológica. Por outro lado, 19% dos produtos seriam considerados de média intensidade tecnológica e apenas 1% dos produtos como sendo de alta intensidade tecnológica. Em termos de exportações em nível de estados da região temos que a Bahia é o primeiro exportador para o NAFTA, com uma participação de 40,3% do total exportado, sendo o Maranhão o segundo em importância, com uma participação de 21,8% e, o Ceará, o terceiro com 16,3% do total exportado pelo Nordeste no ano de 1995 para esse bloco.

* Os produtos foram classificados da seguinte forma:

- Alta intensidade tecnológica: aeroespacial, computadores, eletrônicos, farmacêuticos, instrumentos de precisão, máquinas elétricas e mecânicas, química fina, mecânica de precisão e automobilismo.
- Média intensidade tecnológica: química, borracha, plástico, papel e celulose.
- Baixa intensidade tecnológica: minerais não metálicos, alimentos, bebidas, fumo, refino de petróleo, metalurgia, produtos metálicos, editorial e gráfico, madeira e mobiliário, têxteis, calçados e couro. Este critério de classificação foi adotado pela UNCTAD, ver THORSTENSEN, V. *et al* (1994)⁽²⁾.

3.2 ESTRUTURA DAS EXPORTAÇÕES PARA O BLOCO DA UNIÃO EUROPÉIA

Conforme foi mostrado na seção anterior às exportações para este bloco representaram em 1995 por volta de 20% do total das exportações do Nordeste, constituindo portanto o segundo mercado em importância para o Nordeste. Na TABELA 16 é apresentada a estrutura da pauta das exportações do Nordeste para a União Européia, segundo os grupos de produtos anterior-

TABELA 16
Exportações do Nordeste para o Bloco da União Européia Segundo
Grandes Grupos de Produtos
- 1991 e 1995 -

Grupos de Produtos	US\$ milhares		Em percentagem	
	1991	1995	1991	1995
Alimentos, fumo, bebidas	171268,9	219039,9	20,71	25,33
Minerais	49949,9	15478,9	6,04	1,79
Química	114454,9	103682,9	13,84	11,99
Plásticos e borracha	57227,4	61396,9	6,92	7,10
Couros e calçados	34568,0	53181,8	4,18	6,15
Madeira	1075,1	37702,9	0,13	4,36
Papel, celulose	165,4	85696,2	0,02	9,91
Têxtil	81871,6	54651,9	9,90	6,32
Min. n. met e met. preciosos	24396,1	53527,7	2,95	6,19
Metais comuns	271251,5	160669,6	32,80	18,58
Máquinas e equipamentos	20095,7	10982,2	2,43	1,27
Material de transporte	578,9	172,9	0,07	0,02
Ótica e instrumentos	0,0	1470,0	0,00	0,17
Outros	82,7	6572,0	0,01	0,76
Total	826986,1	864225,8	100,0	100,0

FONTE: MICT/SECEX - Elaboração: convênio UFPE/SUDENE

mente definidos. Para a União Européia o Nordeste exportou no ano de 1991 US\$ 827 milhões, aumentando esse valor para apenas US\$ 864 milhões no ano de 1995 (um aumento de apenas 4,5%); dessa forma a União Européia foi ultrapassada pelo NAFTA em importância relativa. A participação relativa da União Européia em 1991 era de quase 29% diminuindo para 20,4% em 1995. Observa-se na tabela que os grupos de produtos mais importantes em 1995 foram; alimentos, fumo e bebidas (25,3%), metais comuns (18,6%) e a química (12%). Em geral a pauta para a União Européia apresenta-se mais diversificada que a pauta para o NAFTA e também contém produtos de maior valor agregado. Embora a participação do grupo alimentos, fumo e bebidas estejam aumentando ainda é menor que no caso do NAFTA. Os grupos de produtos que mais cresceram em participação

durante o período 91/95 foram: papel e celulose, madeira e minerais não metálicos e metais preciosos. O estado da Bahia foi o responsável pelo aumento das exportações desses produtos e da sua participação no total exportado. Por outro lado os grupos de produtos que tiveram quedas mais significativas, não apenas em termos de participação relativa mas também em termos de exportações absolutas, foram: minerais, química, têxtil e metais comuns.

Em termos de intensidade tecnológica às exportações do Nordeste para a União Européia também são altamente concentradas em produtos de baixa intensidade tecnológica (69%), os produtos de média intensidade tecnológica representam por volta de 29% da pauta das exportações para esse bloco econômico. No que se refere a exportações por estados da região temos que o principal estado exportador é novamente a Bahia com uma participação de 60,4%, seguido do Maranhão com 14,3% e Pernambuco com uma participação de apenas 6%. No caso de Pernambuco, no ano de 1991, o principal item de exportação para esse bloco foi máquinas e aparelhos elétricos, passando no ano de 1995 os frutos comestíveis a ocuparem o primeiro lugar.

3.3 ESTRUTURA DAS EXPORTAÇÕES PARA O BLOCO DO MERCOSUL

O MERCOSUL entrou oficialmente em vigência em 01/95, isso tem contribuído para que esse mercado apresente o maior crescimento em termos de participação no total exportado. No ano de 1991 às exportações do Nordeste para este mercado representavam apenas 4,9% do total exportado, passando essa participação para 9,9% no ano de 1995. No ano de 1991 o Nordeste exportou para esse mercado US\$ 140,5 milhões, aumentando para US\$ 420,7 milhões no ano de 1995. Isso significa um aumento de quase 200% em termos de valor nominal no período. Os grupos de produtos que mais se destacaram

na pauta são: química (40,9%), plásticos e borracha (16,5%), textil (11,1%) e alimentos, fumo e bebidas (10,7%). Assim as exportações do Nordeste para o MERCOSUL parecem estar mais concentradas em produtos classificados como de manufaturados, ou seja produtos que possuem um maior valor agregado. A participação dos produtos alimentos, fumo e bebidas representou apenas 10,7% em 1995, uma participação bem menor que no caso dos blocos do NAFTA e da União Européia. Os grupos de produtos que mais cresceram no Mercosul em termos de participação relativa na pauta foram: plásticos e borracha, metais comuns e em menor grau produtos minerais não metálicos e metais preciosos.

Utilizando o critério de classificação dos produtos segundo a intensidade tecnológica, observa-se que no caso das exportações para o Mercosul, estas parecem estar mais concentradas em produtos de média intensidade tecnológica (58%). Os produtos de alta intensidade tecnológica representam por volta de 6% do total exportado em 1995. Em nível de estados da região, novamente a Bahia é quem se destaca como principal exportador para o Mercosul. A sua

produto de exportação para o Mercosul são máquinas e aparelhos elétricos, etc.

3.4 ESTRUTURA DAS EXPORTAÇÕES PARA O BLOCO DE PAÍSES ASIÁTICOS

O bloco de países asiáticos que estamos considerando neste trabalho, constitui o terceiro maior mercado para as exportações do Nordeste. No ano de 1991 as exportações do Nordeste para este mercado representavam 17,4% do total exportado, passando essa participação para 13,9% no ano de 1995. Em termos absolutos o Nordeste exportou para esse mercado US\$ 497,2 milhões no ano de 1991, aumentando esse valor para US\$ 588,6 milhões no ano de 1995.

Os grupos de produtos que mais se destacaram na pauta para este bloco em 1995 foram: metais comuns (alumínio, cobre, etc.) com 42,6%, química com 20,56% e alimentos, fumo e bebidas com 16,5%. Portanto boa parte das ex-

portações para este bloco está formado de produtos manufaturados. Parece entretanto existir uma concentração em nível de produtos. O total exportado de alumínio representou US\$ 242,5 milhões em 1995, portanto 41,2% do total exportado. Cabe porém ressaltar que essa participação está caindo. No ano de 1991 às exportações de alumínio representavam 48,4% do total exportado. Por outro lado dentro do grupo de produtos químicos, os produtos químicos orgânicos foram os que mais se destacaram em 1995, com um total exportado de US\$ 116,4 milhões. Cabe também destacar o crescimento das exportações de papel e celulose, cuja participação no total exportado representou 8,1% em 1995. Conforme foi visto anteriormente esse mesmo desempenho do papel e da celulose também foi verificado no caso dos blocos do

NAFTA e da União Européia.

Utilizando o critério de classificação dos produtos segundo a sua intensidade tecnológica, temos que no caso das exportações para o bloco

TABELA 17
Exportações do Nordeste para o Bloco do Mercosul Segundo Grandes Grupos de Produtos - 1991 e 1995 -

Grupos de Produtos	US\$ milhares		Em percentagem	
	1991	1995	1991	1995
Alimentos, fumo, bebidas	27087,6	44889,9	19,28	10,67
Minerais	2318,2	4669,8	1,65	1,11
Química	63152,9	171986,8	44,95	40,88
Plásticos e borracha	14161,9	69459,4	10,08	16,51
Couros e calçados	4242,9	4333,3	3,02	1,03
Madeira	14,1	42,9	0,01	0,01
Papel, celulose	1053,7	2692,5	0,75	0,64
Textil	15496,7	46837,8	11,03	11,13
Mín. n. met e met. preciosos	1095,9	10812,2	0,78	2,57
Metais comuns	4299,2	38537,1	3,06	9,16
Máquinas e equipamentos	7319,8	23475,7	5,21	5,58
Material de transporte	0,0	222,9	0,0	0,05
Ótica e instrumentos	252,9	1598,7	0,18	0,38
Outros	0,0	1177,9	0,0	0,28
Total	140495,8	420736,9	100,0	100,0

FONTE: MICT/SECEX - Elaboração: convênio UFPE/SUDENE

participação no total exportado pela região representou 68,2% em 1995, em segundo lugar vem o Ceará com 10,3%, em terceiro lugar Maranhão com 9,1% e em quarto lugar Pernambuco com 8,7%. No caso de Pernambuco, o principal

de países asiáticos estas parecem estar mais concentradas em produtos de baixa intensidade tecnológica (aproximadamente 68%). Os produtos de média intensidade tecnológica representam por volta de 31% e os produtos de alta intensidade tecnológica menos de 1%.

No que se refere a exportações em nível de estados da região, observa-se uma concentração nos estados do Maranhão e da Bahia. O Maranhão foi o principal estado exportador para o bloco asiático com uma participação de 41,1%, exportações estas concentradas em praticamente um produto só, o alumínio. A Bahia é o

nomias no novo sistema de comércio é de fundamental importância para garantir o sucesso comercial e o aproveitamento das oportunidades de crescimento que o comércio oferece.

A política de inserção internacional do Brasil na nova ordem parece ter dois aspectos importantes. Em primeiro lugar, a política comercial brasileira desde 1987 vem sofrendo algumas mudanças importantes dando lugar a uma maior abertura a fim de confrontar o setor produtivo nacional à competição internacional e tentar melhorar a competitividade da indústria nacional. Em segundo lugar a estratégia de inserção

internacional parece centrar-se no âmbito externo na defesa do multilateralismo, através de uma ativa participação nas negociações do GATT e na Organização Mundial do Comércio; a consolidação do MERCOSUL e a criação de zonas de livre comércio com os demais parceiros da América do Sul. A estratégia nacional de inserção internacional tem importantes repercussões sobre a economia regional e qualquer estratégia de inserção em nível regional está determinada pela estratégia a nível nacional.

Neste trabalho tentou-se conhecer, o desempenho e a estrutura das exportações do Nordeste para cada um dos principais blocos econômicos existentes. O conhecimento

desses aspectos é muito importante para a formulação de uma estratégia de inserção do Nordeste na economia internacional.

Os dados apresentados mostram que o NAFTA constitui, na atualidade, o primeiro mercado para as exportações do Nordeste com uma participação de 27,1%; o segundo mercado em importância é a UNIÃO EUROPEIA, com uma participação de 20,4%; o bloco de PAÍSES ASIÁTICOS ocupa a terceira posição com uma participação de 13,9% e o bloco do MERCOSUL ocupa o quarto lugar com uma participação de 9,9% do total exportado pela região. Esses quatro blocos econômicos principais concentraram cerca de 72% das exportações da região no ano de 1995. O Mercosul é o bloco que mais tem crescido nos últimos anos, entretanto este crescimento não tem-se processado com a mesma

TABELA 18
Exportações do Nordeste para o Bloco dos Países Asiáticos, segundo Grandes Grupos de Produtos
- 1991 e 1995 -

Grupos de Produtos	US\$ milhares		Em percentagem	
	1991	1995	1991	1995
Alimentos, fumo, bebidas	47666,9	96971,9	9,59	16,47
Minerais	406,1	491,4	0,08	0,08
Química	103040,1	121042,4	20,72	20,56
Plásticos e borracha	6535,0	14863,5	1,31	2,53
Couros e calçados	1445,1	15160,4	0,29	2,58
Madeira	0,0	251,2	0,0	0,04
Papel, celulose	116,5	47602,7	0,02	8,09
Têxtil	26541,1	844,7	5,34	0,14
Min. n. met e met. preciosos	56078,6	38620,9	11,28	6,56
Metais comuns	255311,5	250828,2	51,35	42,61
Máquinas e equipamentos	25,3	803,4	0,01	0,14
Material de transporte	0,0	94,8	0,0	0,02
Ótica e instrumentos	29,4	0,0	0,01	0,0
Outros	0,0	1055,4	0,0	0,18
Total	497195,6	588.630,9	100,0	100,0

FONTE: MICT/SECEX - Elaboração: convênio UFPE/SUDENE

segundo estado exportador com uma participação de 34,5% do total exportado pelo Nordeste.

4 CONCLUSÕES

Nos últimos anos a economia internacional tem passado por profundas e rápidas mudanças que afetam o comércio e o crescimento das economias e regiões menos desenvolvidas. O processo de formação dos blocos regionais de comércio; os esquemas preferenciais de comércio; o fenômeno da globalização dos mercados; a liberalização dos mercados e as novas regras do comércio, são algumas características da nova ordem econômica internacional. A formulação de uma estratégia adequada de inserção das eco-

rapidez que as exportações brasileiras para o Mercosul. O crescimento das exportações brasileiras para o Mercosul era o esperado, tendo em vista a entrada em vigor do acordo relativo ao livre comércio. Entretanto, o Mercosul é um bloco de dimensões relativamente pequeno e não se espera que venha a ter o mesmo dinamismo que apresentou nos últimos anos. Pareceria que a estratégia de inserção a médio prazo está mais na procura de um livre mercado ampliado em nível das Américas.

Quanto à estrutura das exportações os dados mostram que para o NAFTA as exportações parecem estar mais concentradas em produtos básicos: alimentos, fumo e bebidas; metais comuns e minerais não metálicos e metais preciosos. Esses grupos de produtos representaram 67% do total exportado para o Nafta em 1995. A pauta das exportações para a União Européia apresenta-se um pouco mais diversificada que para o Nafta, e contém produtos de maior valor agregado. No que se refere ao bloco de países asiáticos as exportações estão altamente concentradas em metais comuns (alumínio) e química. Esses dois grupos de produtos representaram 63% do total exportado para esse bloco em 1995. Parece recomendável uma estratégia de maior diversificação das exportações para este bloco de grande crescimento econômico. Cabe chamar a atenção para o fato de que, durante o período 1991/1995, houve um aumento da participação dos produtos agrícolas na pauta de exportações para a União Européia e para o bloco de Países Asiáticos. Por outro lado as exportações para o Mercosul estão concentradas em produtos manufaturados; destacando-se a química com 41%, plásticos e borracha 16,5% e têxtil com 11,1%. Esses são produtos classificados como de média intensidade tecnológica e possuem um maior valor agregado. A participação dos produtos agrícolas nas exportações para o MERCOSUL é relativamente pequena e tem caído muito no período 1991/1995. A complementaridade com o Mercosul parece ser maior nos produtos manufaturados.

Na formulação de uma estratégia de inserção internacional para a região deve ser levado em conta que o aumento da participação das exportações de produtos manufaturados apresenta algumas vantagens em relação à exportação de produtos agrícolas. Em primeiro lugar o aumento das exportações de produtos manufaturados tende a fortalecer o setor industrial e permite a geração de empregos no setor urbano. O estímulo

ao setor industrial permite melhorar a competitividade internacional e a diminuição da dependência externa. O processo de desenvolvimento da competitividade em produtos agrícolas é mais difícil e mais complexo que no caso de produtos manufaturados. Por outro lado a estratégia das exportações de manufaturados evita o protecionismo agrícola dos países industrializados e permite uma relativa independência no que se refere à instabilidade que apresentam os preços dos produtos agrícolas no mercado internacional. Por último no médio e longo prazos as exportações de produtos agrícolas tendem a crescer mais lentamente que os manufaturados dada a sua baixa renda elástica de demanda.

A estratégia de exportação de manufaturados não significa deixar de lado às exportações de origem agrícola que têm potencial no mercado internacional e para as quais a região conta com vocação. De fato o Nordeste conta com fatores de produção, inclusive o clima, para a produção de produtos tropicais com grande potencial de exportação ainda não completamente explorado. Os dados mostram a existência de uma demanda para esses produtos, principalmente no Nafta e na União Européia. A diversificação das exportações de produtos agrícolas, o estímulo às exportações de produtos não tradicionais e a incorporação de valor agregado a esses produtos, através da agro-industrialização, são iniciativas que podem contribuir muito para o crescimento das exportações do Nordeste.

Ao longo dos anos o Nordeste têm-se caracterizado pelo seu relativo fechamento ao comércio internacional. O ritmo de crescimento das exportações brasileiras não tem sido igualmente acompanhado pelas exportações nordestinas. Reverter esse quadro exige tornar o Nordeste mais competitivo e mais atuante nos mercados internacionais. A fim de atingir esse objetivo são necessárias não apenas medidas concretas de política econômica, estímulo aos investimentos, inclusive em infra-estrutura, a fim de aumentar a produção exportável e diminuir os custos de exportação, mas principalmente o engajamento do setor privado exportador no desenvolvimento de vantagens competitivas, exportação de novos produtos e conquista de mercados externos.

ABSTRACT:

This work intends to study the performance of the exportations of the Northeast region of Brazil at the level of the main economic blocks, in order to subsidize the discussion on the best strategy of the region's insertion in the international economy. The analyses focuses on the most important blocks, in terms of exportations from the region. Data show that NAFTA is, nowadays, the main market for exportations from the Northeast (27,2% of the exportations); the second most important market is the European Union (20,4%); the Asian block comes in the third place (13,9%) while the MERCOSUL is the fourth market, with 9,9% of the exportations from the Northeast region. In relation to the structure, the exportations to the NAFTA block are mainly from basic products. Exportations for the European Union present a more diversified composition, although food, tobacco and liquors represent 25% of the total exported for this block. For the Asian block the concentration of the exportations are in common metals (aluminium) and chemistry; these two groups represented 63% of the exportation for this block in 1995. For the MERCOSUL, the exportations are concentrated in manufactured products especially chemistry (41%), plastic and rubber (16,5%) and textile (11,1%). For this block the participation of agricultural products is relatively small and presents a declining trend. To conclude, the study presents the advantages of increasing the participation of manufactured goods in relation to agricultural products in the exportation structure as a better strategy for the insertion of the region in the international market.

KEY WORDS:

Export; Economic Globalization; Economic Blocks; Brazil-Northeastern Region.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. BOLETIM CONJUNTURAL DO NORDESTE. Recife: SUDENE, jul. 1995. P. 184-207.
2. THORSTENSEN, V. *et al O Brasil frente a um mundo dividido em blocos* [s.l.]. Instituto Sul-Norte, livraria Nobel, 1994.

Recebido para publicação em 24.06.96.

*Espaço para sua opinião
sobre a*

REN

[illegible]

A REN fica autorizada a editar minha opinião.

assinatura

1 Transmita para o FAX
(085) 299.3524

2 Remeta para:
Revista Econômica do Nordeste
Av. Paranjana, 5.700 - Castelo
60740-000 Fortaleza CE